

A ESTRATÉGIA DO IMPERADOR: AUSTERLITZ E TRAFALGAR NO CONTEXTO ESTRATÉGICO DE NAPOLEÃO

SYLVIO DOS SANTOS VAL*
Professor

SUMÁRIO

Introdução
A estrada da glória
Na poeira de Austerlitz
Trafalgar
A grande aposta
A geopolítica sobre Napoleão
Conclusão: a natureza de seu inimigo

INTRODUÇÃO

Napoleão é uma lenda. É figura complexa da História que demanda muita controvérsia, tanto pelo que já foi escrito sobre ele quanto pelo que será. É ponto pacífico, e daí partimos, que Bonaparte deveu a sua carreira de estadista quase que exclusivamente ao seu desempenho militar. Guerreiro intimista e psicológico, con-

duziu a reforma do Estado francês como se estivesse no campo de batalha, com brilhantismo tático, incrível *timing*, astúcia e, acima de tudo, personalismo. Escolhia os seus assessores a dedo, conforme suas necessidades, contudo as decisões finais lhe pertenciam.

Duzentos anos após seu grande – e mais legendário – grande feito militar, podemos analisar o caminho dos fatos que conduzi-

* Professor licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Ciência Política pelo PGCP/UFF; www.arzubani.pal@ig.com.br.

ram as armas francesas a uma das maiores vitórias militares da História, nas colinas gélidas de Austerlitz, naquele fatídico dezembro de 1805, e o que sobreveio. Não é uma revisão histórica o que pretendemos aqui, mas confrontar Napoleão, o guerreiro, com o imperador corso dos franceses, o estadista.

A ESTRADA DA GLÓRIA

Bonaparte tornou-se cônsul-geral da França em 1799, num episódio imortalizado como O 18 Brumário pelo calendário da Revolução, ou O 9 de Novembro. Notável que seu sucesso político tenha advindo ao meio de um revés militar.

Mais uma vez, uma coligação de monarquias europeias se alinhou contra a França. Bonaparte empreendeu uma campanha militar no Egito. Vencedor da Batalha das Pirâmides, soube das articulações em casa para acabar com o Diretório. Preparou sua volta imediata. Naquela ocasião, suas comunicações foram cortadas pela vitória da Armada inglesa do Almirante Nelson sobre a francesa em Abukir. Mas chegou à França, praticamente “escapado” a bordo de uma solitária fragata, que quase fora interceptada. Ao botar os pés em solo pátrio, foi aclamado pelo público e renegado pela direção política. Num golpe de mão muito tributável ao seu irmão Lucien, apoderou-se do comando do Estado, dissolvendo a baionetas a Assembleia Nacional¹.

Soldado carismático e arrojado, não hesitou em atacar o centro do problema, fa-

zendo severas reformas, como o Código Civil, uma amálgama de leis que protegiam a propriedade. Também incentivou a manufatura interna, um programa de obras públicas e a reforma da educação. Num édito fantástico, baniu a Marselheuse, o hino dos infantes revolucionários. Consolidava uma revolução burguesa sem fazer uma revolução social. Em suas próprias palavras, “a revolução estava encerrada”.

No Consulado, ele manejou para tornar-se absoluto de fato. A Revolução Burguesa que negociou com a grande burguesia nacional demandava um governo forte. Esse governo deveria ser legitimado pelo povo. Assim, foi decidido um plebiscito no qual o povo se manifestaria a favor ou não do Império. Vencedor por uma margem “alargada”², marcou sua entronização.

Ao tronar-se monarca absoluto em 2 de dezembro de 1804, apenas fechava um círculo. Havia vencido a oposição interna, dissolvido a ameaça externa derrotando a Coligação, sedimentado as reformas burguesas e assumido a “paternidade” da revolução, que passou a educar a sua maneira. Ao escolher o título de imperador, que na Roma Republicana era dado aos tiranos que ocupavam simultaneamente o governo e a liderança militar, como os césares antes dele, Napoleão militarizava o Estado. Mas para que a militarização se legitimasse era preciso um estado de ameaça permanente.

Napoleão, que proclamara a “revolução como encerrada”, passou a propagar a ideia de que ainda havia povos que não a tinham experimentado, e por isso deveria ser expan-

1 Esse episódio foi quase cômico. Bonaparte apresentou-se ao plenário, que o enxovalhou e enxotou sob os gritos de “fora tirano”. No meio do caminho da saída, seu irmão apareceu e o fez retornar. Dessa vez, com uma companhia de infantes à sua frente, que inflectiu furiosamente contra os deputados, fazendo-os fugir em desespero de causa. No dia seguinte, retornou ao plenário para assumir um triunvirato de fachada, tendo ele como cônsul-geral.

2 Napoleão realmente venceu o plebiscito, mas ordenou torcer o resultado de uma maneira, no mínimo, curiosa. A votação foi corporativa, isto é, em setores sociais. Ao perceber que vencera no Exército, o Grande Armée, pela menor margem, ordenou que se “permutassem” os números. Afinal, como um imperator poderia ser menos ratificado em seu exército?

dida aos demais habitantes da Europa. Era a primeira edição da *revolução permanente*³. Nisso foi muito ajudado pela hostilidade e pelo belicismo das demais monarquias europeias, o que permitiu que mantivesse um constante estado de guerra, um exército leal e mobilizado e um povo cativo em seu nacionalismo enviesadamente universalista. Contudo, Napoleão deixou que sua obsessão pela beligerância obliterasse seu argumento reformador.

Ainda cônsul, vendeu a colônia francesa da América do Norte, a Luisiana, aos Estados Unidos como forma de fazer caixa para as suas reformas e sua política militarista. Em seu favor, mesmo que conseguisse uma Marinha para garantir as comunicações com o continente americano, não poderia lá manter um Exército forte o bastante para evitar o assédio dos ingleses ou a sanha expansionista da jovem nação americana sem que se ameaçasse a sua posição na Europa. Porém a decisão da venda denota uma visão sinuosa da Grande Estratégia. A estratégia de Estado não se limita a cálculos militares.

Doutro lado, o imperador procurou gestar seu Império com parâmetros nas instituições do Velho Regime, ainda que propagando o Código Civil e as agências burguesas. Fez de suas irmãs princesas e de cunhados e generais próximos, príncipes – vários deles saídos da sargentada, onde os recrutou mais pela capacidade de lhe obedecerem do que por qualquer genialidade que possuísem – e regentes de estados satélites da França. Desse modo, ao invés de conquistar os povos dos países que ia invadindo e “libertan-

do”, animava-os ao nacionalismo, extremado pela sucção dos recursos nacionais e pela desastrosa ação de seus inossos agentes. Abriu mão de um grande império colonial em favor de uma obtusa política de conquista.

Diagnosticando corretamente a Inglaterra como epicentro da coligações europeias, Bonaparte surpreendeu pela anacrônica visão de capitão, tomando todas as medidas necessárias para fazer face, mas pouco compreendendo a natureza de sua oposição. Preparou a invasão das ilhas britânicas, recorrendo a qualquer ideia alucinada que lhe caía nas mãos para transpor o canal com seu exército – de submarinos, passando por balões e até um suspeitíssimo túnel sob o Canal Inglês, ligando Calais a Dover. Contudo compreendeu que a maneira mais coerente era neutralizar a ameaça naval inglesa. Não sendo marinheiro, deixou a tarefa a outros e seguiu nos preparativos.

Napoleão deixou que sua obsessão pela beligerância obliterasse seu argumento reformador

NA POEIRA DE AUSTERLITZ

Em meados de 1805, um grande contingente do Grande Armée começou a concentrar-se no porto da região de Boulogne, enquanto Bonaparte fazia arranjos diplomáticos para juntar a frota espanhola a sua armada de invasão à Inglaterra. Juntas eram uma força formidável. Porém a Royal Navy tinha capacidade tanto para obstar uma invasão quanto para ameaçar o território e as comunicações inimigas. Os cooperativos espanhóis insistiam na eliminação dessa ameaça antes da campanha. Napoleão aquiesceu.

3 Leon Trotsky nada “criou”. Mas foi, sem dúvida, um excelente aluno de História.

Nesse meio tempo, uma nova coligação se formou, e pretendia ameaçar diretamente a França. Informado, Napoleão abandonou a concentração de invasão e moveu seu exército para o interior. Sua estratégia era desbaratar as forças inimigas antes que se concentrassem. O primeiro alvo foi a Áustria.

Após uma marcha forçada de seis semanas, os franceses alcançaram as tropas do General Carl Mack. Numa batalha curta mais intensa, os franceses fizeram 27 mil prisioneiros. Aberto o caminho para Viena, austríacos e russos concentraram um exército de 90 mil homens para barrar Napoleão, que, com uma formação de 60 mil, partiu para o encontro. Os opositores se confrontaram na localidade de Austerlitz.

Aquela prometia ser uma batalha épica. Era o conflito de três monarcas. De um lado Napoleão, o plebeu que se fez imperador, e do outro Francisco I da Áustria e o jovem Alexander I, czar da Rússia. O comandante nominal da coligação era o general russo Kutuzov. Contudo, o czar insistia em tomar as decisões. Diante da mais fina nobreza, Alexander não poderia recuar frente ao atrevido imperador corso.

Napoleão rompeu as regras do combate mais uma vez. Entregando a posição mais elevada ao inimigo, o Monte Pratzen, deu-lhes uma sensação de segurança falsa. Quando os russos tomaram o monte, contra-atacou, transpondo a posição e desembocando ao centro das linhas da coligação. A contundência do avanço francês fez os russos debandarem, e toda a linha inimiga se desfez. Nessa batalha de poucas horas, os franceses perderam 6 mil e os coligados 19 mil, não contando os feridos, os capturados e os que debandaram.

“Diga ao seu imperador que ele realizou grandes coisas hoje”, disse Alexander ao emissário de trégua de Napoleão. Francisco I retirou-se do campo para, mais tarde,

entregar Viena às forças francesas. Os milhares de canhões de bronze inimigos capturados foram conduzidos à França, onde seriam fundidos para construção de um grande monumento em homenagem a essa vitória épica, com uma estátua de Bonaparte bem no topo. Na noite fria após a batalha, os soldados franceses entoaram a Marselheuse. O imperador permitiu e a substituiu como o Hino Nacional francês.

E, novamente, sua vitória se obscureceu num fracasso militar.

TRAFALGAR

Enquanto Napoleão dirigia-se para o encontro com Carl Mack, a frota aliada francesa e hispânica desenvolvia o plano para neutralizar a armada inglesa.

A armada dos aliados partiria para as colônias francesas nas costas das Antilhas, atraindo parte da força de bloqueio inglesa. Ao atingir seu destino, a frota aliada faria junção com a frota colonial, e ambas dariam meia-volta em direção à Europa. Lá chegando, com uma força superior, destruiriam a força inglesa de bloqueio e transportariam a força de invasão postada em Bologne para as costas inglesas.

A armada aliada de “embuste” seguiu os planos à risca. Reuniu-se à frota colonial e esperou a chegada da força de perseguição inimiga. Tão logo se fez o contato, a frota aliada partiu para a Espanha. O almirante francês supôs que o estratagema funcionaria, pois perdeu o contato com os perseguidores, imaginando que não perceberam a manobra ou, partindo *a posteriori*, não o perseguiam. Contudo, semanas depois, quando as duas armadas aliadas se conectaram, foram surpreendidas por uma frota inglesa completa, esperando perto da entrada do Canal Inglês (Mancha). Não apenas os ingleses se aperceberam do que acontecia, como fizeram a meia-volta e chegaram

à Europa primeiro, bloqueando o acesso da armada ao exército de Napoleão. Então foi decidida a evasão para o porto seguro de Cádiz. Ao mesmo tempo, a frota inglesa se deslocou para bloquear a própria armada aliada em seu refúgio.

O comandante-geral francês, Almirante Villeneuve, cogitou suspender a operação. Mas como estava às turras com Napoleão, e os seus oficiais e tripulações estavam ensimesmados com a falta de ação, decidiu-se pela batalha, que se daria na costa atlântica do sul da Espanha, defronte ao Cabo Trafalgar. De qualquer modo, parecia que os ingleses estavam dispostos ao combate, que, por acaso, era realmente o propósito do comandante inglês, Lorde Nelson.

Os ingleses se utilizaram de uma tática pouco arrojada para a época: romperam a formação de linha de fila paralela à inimiga, que permitia aos navios o máximo de aproveitamento do poder de fogo dos costados, e os navios rumaram em filas de modo a “cortar” a fila inimiga em vários pontos, numa versão primitiva do “cortar o T”. Contudo, a manobra ensaiou ser um desastre.

Naquela tarde, os ventos sopravam fortes, o que dificultou ao máximo a manobra, que demandava muito sangue e organização. A esquadra inglesa ficou exposta ao canhoneiro maciço dos aliados até o momento que ultrapassassem o ângulo de tiro. Quando uma fila inglesa conseguia cortar a formação adversária, esperava até que estivesse alinhada entre a proa e a popa de dois navios e descarregava toda a sua bateria. Em seguida, guinava sobre um dos adversários e continuava a disparar. A tática era tão radical que o próprio *Vitória*, nau capitânia de Nelson, foi de tal modo avariado que mal pudera encostar ao seu inimigo.

A estratégia de Nelson funcionou, muito auxiliada pelo vício tático dos aliados de visar primeiro a mobilidade do adversário e

não seus canhões. Àquela época, o apresamento era mais que um troféu, era quase uma necessidade, pelo custo altíssimo dos navios e equipagens (tripulação), peças de engenharia mais caras da época. Entretanto, os britânicos, maiores corsários de seu tempo, preferiam apostar mais na vitória que no apresamento, pois, de qualquer modo, sempre poderiam saquear o comércio inimigo, inclusive com navios menos custosos, como as fragatas. A vitória inglesa, arrasadora e decisiva, anotou a trágica perda de seu grande arquiteto, Lorde Nelson. Os aliados perderam três vezes mais vasos que os britânicos, se incluirmos os vasos apresados – cinco dos quais afundaram no caminho de volta. Napoleão perdera a oportunidade, a frota de invasão, marinheiros e o prestígio de sua Marinha. A derrota selou no imperador a ideia de uma invasão e a certeza de que precisava enfraquecer a capacidade de lutar da Inglaterra por outros meios. Para tanto, valeu-se de um arrojado estratégico, se não incomum historicamente, muito complexo em termos geopolíticos. É bem provável que não se desse conta do quanto.

A GRANDE APOSTA

As tropas de Bonaparte marcharam triunfais pelo Portal dos Brandenburgo, símbolo da capital prussiana e da dinastia dos Hohenzolern, de Guilherme II. Não se sabe se pela empolgação do sucesso ou da constatação saída do fracasso da esquadra aliada em Trafalgar, Napoleão assinou édito do Bloqueio Continental ao comércio europeu com as ilhas britânicas. Por decreto, e valendo-se da força ou da simples ameaça, esperava que, quebrando economicamente a Inglaterra, venceria pela inanição. Secundava sua diplomacia com a força, suportada pelo indelével prestígio militar.

Em tese, uma estratégia coerente. Afastada a Prússia, tradicional aliado e braço terrestre da política britânica, restava cortar o fluxo de mercadorias que dava à Inglaterra o poder monetário de custear todas as coligações europeias e, quem sabe, a médio e longo prazos, invadir as ilhas inglesas ou mesmo forçar uma Pax Francesa. Era uma política de tudo ou nada, levando o seu adversário a um perigoso córner. Não funcionou por três motivos.

Primeiro, subestimou-se a flexibilidade do oponente. A praça de comércio inglesa tinha muitas conexões, construídas desde o acordo dos banqueiros essênios Amschuls, que se transferiram para a Inglaterra com o nome de Rotschild. Eles garantiriam o fluxo monetário necessário para manter sua política de desgaste do império francês, “subcontratando” as monarquias da Europa.

Em segundo lugar, o Bloqueio muito ficou apenas no papel. Fora violado por vários países europeus, alguns dos quais eram históricos parceiros comerciais de ambos os lados. A rede de informantes e delatores de Napoleão alertara da permanência do fluxo de mercadorias por estratégias de camuflagem ou puro contrabando. A não ser que Napoleão dispusesse de guarnições em todas as praças e portos, ou de uma Marinha que pudesse realizar um bloqueio, o decreto do imperador era inócuo.

Por fim, a França não possuía uma indústria que pudesse substituir os produtos saxões, se não em qualidade, em preço ou quantidade.

Vários dos conselheiros de Bonaparte tentaram dissuadi-lo: Coullaincourt, ministro e embaixador na Rússia, lembrou dos pro-

blemas diplomáticos; Thiers, ministro e monarquista de ofício, alertou claramente dos riscos – mas é provável que sua lealdade fosse dúbia; Bernard Fouché, criador da Surete, foi direto nas dificuldades, mas com sua usual, insincera e dúbia subserviência. A aposta do imperador não se fez no escuro das ideias, mas sim no obscurantismo de seus pensamentos.

Em 1807, a França teve que concretizar as suas ameaças. Diante da negação das coroas portuguesa e espanhola em comprometerem-se com o Bloqueio, ordenou a invasão da Espanha e, em seguida, de Portugal. A Família Real lisboeta obrigou-se a um exílio em sua colônia do Brasil, sob proteção da armada inglesa. Aqui, oficializou a supremacia comercial da Inglaterra pelos tratados de 1810. Mas a Campanha Ibérica não atendeu às expectativas francesas.

Em princípio, as tropas de Napoleão obtiveram inúmeras e rápidas vitórias sobre os hispânicos, marchando com facilidade sobre Lisboa. Mas a resistência espanhola com o patrocínio dos ingleses logo produziu revéses. A perda de Madri levou o imperador a imiscuir-se pessoalmente na campanha militar. Conseguiu estabilizar a frente de batalha, mas se viu envolvido numa feroz guerra irregular,⁴ que tornou o cenário indeciso e sem perspectiva de um resultado positivo. A busca sistemática da luta em campo aberto esgotou as reservas francesas. Em 1811, as tropas do Marechal Masmont estavam realizando uma guerra de contenção, tanto na Espanha quanto em Portugal, tentando manter uma frente e combater os guerrilheiros.

A Guerra Peninsular se prolongaria até 1813, quando a Campanha da Rússia e o

4 Não é correto denominar a resistência espanhola de guerra de guerrilha. Não se limitava a táticas furtivas e da surpresa, com emboscadas e ataques de oportunidade. Assessorados e supridos pelos ingleses, os espanhóis procuravam criar várias frentes de luta, deslocando as tropas inimigas e evitando a sua concentração com táticas variadas e até pouco ortodoxas.

levante prussiano consumiram o que restava das forças de Bonaparte. O “atoleiro peninsular” e a retirada de Moscou – sem que Napoleão tivesse sofrido nenhum revés em campo de batalha singular – deram mostra do Grande General, tanto por subestimar seus inimigos quanto por superestimar a si mesmo.

“*Onde Estão minhas Legiões*”⁵
Cezar Otávio Augustos

Napoleão aprofundou a revolução militar de sua época. Conhecia a tática e a psicologia de seus inimigos aristocratas, mas falhou no quesito da grande estratégia. O fez por etapas, percalços e sem se aperceber.

Após Trafalgar, não abandonou a ideia de vencer no mar. Menos de três anos após a derrota, a Marinha da França estava recomposta, ainda que não pudesse contar com a armada espanhola. A esquadra de linha chegou a superar a inglesa em números, mas a sua fraqueza estratégica era notável. O comando francês estava disperso, e se perderam tripulações e lideranças após 1805. Os navios de linha eram os cavalos de batalha errados para a estratégia do Bloqueio Continental.

O comércio na era da vela, nos estertores da revolução industrial, obedecia a uma logística muito complexa e fluida. Os portos e os navios não estavam adequados a um fluxo concentrado, contínuo e rápido requerido em tempos de guerra. Isso dificultava a manobra de comboio. Concentrar uma armada para fins de escolta apenas desfalcava outros cenários. A proteção dos navios era operosa pela condição do desenho dos barcos. Bem mais lentos e desarmados, os mercantes dificilmente fi-

cariam fora de um combate, mesmo com as escoltas em número superior, pois os combates navais eram muito próximos, corpo a corpo. As rotas eram bem inflexíveis, dando a uma Marinha adversária duas opções: dispersar-se para localizar e abater suas presas, ou assestar-se defronte dos portos principias.

Três tarefas confrontavam a esquadra francesa: proteger as comunicações litorâneas; defesa dos portos bloqueados; e atacar a navegação do inimigo que vivia do mar. A fragata de um ou dois costados se desempenhava melhor na tarefa⁶: como corsário, podia acostrar os mercantes lentos; como escolta, podia opor-se aos seus equivalentes ou confrontar navios maiores, permitindo a fuga dos mercantes; como incursor rápido, ameaçar a costa e portos inimigos; ou, simplesmente, servir às comunicações da esquadra, numa época de ausência total da virtualidade.

O custo operativo acabou pesando para a Marinha da França ao longo da guerra. Navios de linha, de grandes equipagens e construção demorada e cara, eram de manutenção proibitiva. As tripulações precisavam treinar o que requer tempo e munição. Com o tamanho da Grande Armée e a carência de recursos, produziu-se no mar um desenho de força sem decisão visível.

Ao optar pela intimidação como estratégia política, Napoleão seguiu um rito sumário, mas não inédito, tanto no argumento quanto nos resultados. Do mesmo modo que os atenienses contra os espartanos (Guerra do Peloponeso) ou os genoveses contra os venezianos (século XV), equivocou-se ao transformar um parceiro comercial, neutro, num inimigo. Abusou de ignorar a força comercial-diplomática inglesa (a

5 Foram as palavras do primeiro imperador romano quando soube da perda de três de suas legiões de elite da Germânia, em 9 d.C.

6 Os ingleses costumavam usar pequenas flotilhas de fragatas em *pacotes combinados de um ou mais navios de linha*.

mesma que tentava desbaratar com a estratégia do Bloqueio), a capacidade militar da Royal Navy (que experimentara em *Trafalgar*), e a fluidez da aristocracia que tanto desprezava, a qual não se furtou em abandonar seu próprio país – não antes de realizar um butim até nos monumentos de Lisboa, fugindo para as suas colônias e lá perpetrando um novo butim para os senhores britânicos⁷.

“Onde estão meus 200 mil hussardos gelados?”⁸ Ao retornar da Rússia, em 1813, Napoleão completava um ciclo de respostas equivocadas pelo sucesso. Ao imaginar que poderia contornar os obstáculos com rápidas e fulminantes campanhas militares, repetia o lendário General Pirro em escala devastadora. Talvez julgasse que, ao contrário daquele, sempre teria exércitos para lutar ou inimigos que pudesse abater.

A GEOPOLÍTICA SOBRE NAPOLEÃO

A originalidade e a heterodoxia de Bonaparte estavam muito na conta de sua erudição militar, personalidade e destreza como grande “capitão”. Suas opções estratégicas, se inteiramente arroladas por ele ou não, mas de sua inteira responsabilidade, derivavam menos de ensaio e erro do que do histórico das relações franco-saxônicas. Criado numa tradição militar monárquica, estrangeiro entre seus pares, Bonaparte assumiu uma nação tradicionalmente “possessa” com seus vizinhos ingleses.

Durante cerca de 300 anos, franceses e ingleses estiveram em constante refrega, animados pelas disputas territoriais das casas nobres: da ocupação normanda do

sudeste da Inglaterra no século XII às incursões inglesas à França nos séculos XIII e XIV, e na Guerra dos Cem Anos no século XV. Estabelecidas as respectivas monarquias nacionais, o clima de guerra não diminuiu. A Reforma Protestante opôs, de um lado, uma monarquia católica na França, e de outro lado, a monarquia protestante inglesa, por sua vez seccionada entre um anglicanismo oficial e o calvinismo sectário. O rei Carlos I, na tentativa de solver o problema na busca de uma monarquia estável, casou-se com uma nobre francesa. Mas acabou por agravar sua política interna, desgastada pela guerra na Irlanda e a falência do Estado. Desembocou numa guerra civil. Tentando construir um governo absolutista num país onde, desde a Carta Magna e as reformas de 1265, o poder civil se equiparava ao real, Carlos acelerou o fim da própria monarquia, sucedida pela ditadura de Cromwell.

A partir da segunda metade do século XVII, impulsionada pelas reformas de Cromwell, França e Inglaterra saíram de uma disputa transnacional para uma aberta rivalidade internacional, uma hostilidade mútua incansável que dividiria a Europa. Os ingleses encontrariam nos prussianos seus parceiros ideais, enquanto a França se aliaria a qualquer um que estivesse disposto a cerrar fileiras contra os britânicos.

No século XVIII, as duas superpotências da Europa envolveram-se em sucessivas guerras no continente, a maioria de inspiração duvidosa, que culminariam com uma autêntica guerra mundial: a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Praticamente todas as monarquias ocidentais e a Rússia se envol-

7 No Brasil, além de criar o Banco do Brasil para sugar os recursos da colônia, D. João vendeu títulos de nobreza a uma ridícula fração da elite colonial “deslumbrada”, para fazer caixa de seus “compromissos”.

8 Na verdade, Napoleão deixara 70 mil deles mortos fora do gelo em Mayaroslavsky, na sangrenta retirada de outono.

veram, sendo a guerra levada a todos os oceanos e todas as colônias. A vitória anglo-prussiana deixou a Inglaterra como senhora dos mares, maior império colonial de qualquer tempo. Mas longe de cessar a disputa.

Em 1775, eclodiu a revolta nas 13 colônias inglesas da América. No ano seguinte, as colônias declararam sua independência e começou a guerra. A Coroa da França, convencida pelo inadvertido entusiasmo do Marquês de Lafaiete, envolveu-se no conflito do lado dos sediciosos *yankees*. Os franceses obtiveram uma vingança completa, pois não apenas ajudaram a derrotar seu inimigo como obtiveram uma vitória estratégica no mar⁹.

Porém a Paz de Paris em 1783 selou o destino da monarquia francesa. Falida e incapaz de lidar com as condições da ordem estamental estabelecida desde o Édito de Nantis (1588), foi da crise à revolução em apenas seis anos.

A Revolução Francesa de 1789 não apenas foi um marco na História ocidental como criou uma nova realidade estratégica. O comando militar aristocrático foi varrido da França¹⁰. A guerra contrarrevolucionária que se seguiu fez surgir a ideia da nação em armas, que permitiu que a ascensão militar de outros talentos – como Bonaparte, um então obscuro oficial de artilharia – mais amoldados a esse tipo de guerra. O campo de batalha mudara.

No mar, isso não refletiu como o esperado. O Império napoleônico enfrentava uma

No mar, isso não refletiu como o esperado. O Império napoleônico enfrentava uma Marinha aristocrática, porém bem mais profissional

Marinha aristocrática, porém bem mais profissional. Embora a Marinha francesa tenha sofrido uma reforma estrutural quase simultânea à inglesa¹¹, a Royal Navy obrigou-se a uma linha de promoção mais por mérito que por nascimento, principalmente após a derrota na América e a Revolta dos Marinheiros em 1797. A devastação do comando naval francês foi bem menor que no Exército, porém foi imposta uma mentalidade jacobina somente removida com Napoleão, que pouco ou nada se envolveu com os assuntos navais.

Bonaparte confrontou-se com exércitos comandados de uma mentalidade aristocrá-

tica e feudal, que contrastava com as fileiras mistas de servos camponeses ou mercenários. A vontade de lutar e a lealdade dessas legiões muito se apoiavam na força da tradição ou na “bolsa”. A Revolução mudou o tom ao inculcar a “defesa da pátria, do

povo”; o Consulado exaltou a defesa da Nação; e o Império, a defesa da Libertação. As vitórias do Grande Armée não estavam apenas no gênio de seu grande “capitão” ou na fleuma dos voluntários franceses. A determinação de vencer residia igualmente na munição ideológica que precedia as campanhas bonapartistas, no agito revolucionário que semeou adeptos e floresceu mesmo após a partida de Napoleão.

Ironicamente, a mesma “munição ideológica” desvaneceu-se nas desídiadas do Império, ou encontrou nos ingleses uma von-

9 De fato, não apenas negaram aos ingleses uma batalha decisiva como, apesar das perdas, puderam manter as comunicações rebeldes e atacar as britânicas.

10 Antes da revolução, um em cada 30 oficiais gerais era da nobreza. Esse número se inverteu em 1791.

11 A reorganização da estrutura e dos regulamentos da Marinha inglesa ocorreu com Samuel Pepys em 1683. A francesa, em 1701.

tade nacional quase tão dura e assentada num poder civil à altura dos ideais libertários. As fileiras da oposição cerraram-se num ar de quase salvacionismo¹² diante de mais um conquistador que se erguia no Velho Mundo. Era aquela velha história: não seria Bonaparte mais um tirano, afinal?

CONCLUSÃO: A NATUREZA DE SEU INIMIGO

A conta do sucesso de Napoleão não é debitável apenas em sua genialidade, assim como não se pode deduzir seus fracassos pelo seu “gênio”. A importância e o paralelismo de ambos os eventos, Trafalgar e Austerlitz, não surpreende. O que chama a atenção é a perenidade do *aftermath* nas decisões estratégicas do imperador.

A decisão de ir contra a Inglaterra parece ter sido baseada tanto na superestimação da Marinha Real, como atestou a estratégia do Bloqueio, quanto na subestimação da força terrestre inimiga. Correto estava Napoleão em estimar que somente precisaria de “seis horas para cruzar o canal, derrotar os ingleses e levar Josefina para passear nos corredores de Buckingham”. O Exército britânico era uma piada se comparado ao francês, porém a fortuna do Império Britânico não se assentava apenas nele.

A Inglaterra nunca tivera um Exército nacional. Um longa tradição de regimentos feudais deu lugar às “milícias dos comuns”

a partir do século XV. O povo, após uma sucessão de conflitos nobiliários pela Coroa, pagou com sangue o direito de se pôr em armas. Com a Guerra Civil de 1643, a milícia ganhou corpo e se tornou *The Army* (O Exército), colocando-se em pé de igualdade com o Parlamento que deveria representar e proteger. Quando o Parlamento decidiu debandar o Exército, a criatura voltou-se contra o criador, e Cromwell impôs uma ditadura que lançou a Inglaterra, definitivamente, no mapa geopolítico da Europa.

A restauração dos Stuart procurou primeiro se apossar e depois destruir a autonomia dessa corporação. O fim da monarquia de fato, com a Revolução Gloriosa,

aprofundou o modelo que passou a ser de uma força comandada por uma aristocracia profissional preparada na Academia de Sandhurst; uma tropa “multinacional”, aberta aos “não ingleses” (escoceses, irlandeses,

galeses) mercenários ou aventureiros, súditos de sua majestade. Essa força, apoiada pela Marinha Real, foi capaz de uma prolongada guerra de desgaste contra os franceses, de garantir o Império colonial britânico e, ainda, de participar da derrota final de Bonaparte, após seu regresso da Rússia e na Batalha de Waterloo¹³. O imperador corso da França, tão hábil em perceber a nova “guerra nação” e os limites de seus inimigos, não entendeu o que era lutar contra um império insular apoiado numa tríade diplomática, econômica e militar.

A cada insucesso, Napoleão respondeu com a leitura de rara simplicidade de um

Napoleão nada trabalhou para cessar os efeitos de sua derrota no mar, que não terminou ou começou em Trafalgar

12 Na Inglaterra, tornou-se muito popular uma canção de ninar que dizia: “Cuidado, criança/vá logo dormir/seja boazinha/ou o velho Bony [Bonaparte] virá te pegar.”

13 Lord Wellington, arquiteto da manobra aliada em Warterloo, fez sua carreira nas guerras coloniais da Índia e no atoleiro francês da Campanha Ibérica.

capitão. Perdeu em Trafalgar, aumentou a Marinha e decretou o Bloqueio. Não funcionou, invadiu os países desobedientes. Manteve-se numa iniciativa militar, talvez acreditando que, como em suas manobras terrestres, sustentando-se em sua estratégia a qualquer custo, acabaria por quebrar a espinha dorsal do inimigo.

Napoleão nada trabalhou para cessar os efeitos de sua derrota no mar, que não terminou ou começou em Trafalgar. Muito pelo contrário, parece ter superlativado seus problemas com suas decisões, a ponto de se iludir que, contraindo matrimônio

com uma Habsburgo, dirimira as hostilidades das monarquias europeias. Investiu numa Marinha custosa e incapaz de produzir resultado estratégico, numa campanha militar infundável na Península Ibérica e, por fim, acabou na Rússia. Da mesma forma que parece ter caído no equívoco de compreender mal seu inimigo, o mesmo fez com seu sucesso, supondo que poderia colocar a França no livro dos grandes impérios “apenas” pela guerra. Mas, enfim, Clausewitz era contemporâneo de Napoleão e, afinal, também apenas “seu inimigo”.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA>; História da França; História da Inglaterra; Estratégia; Guerras; Napoleão; Nelson;

BIBLIOGRAFIA

- CAMINHA, João Carlos (V. Alm). *História Marítima*, RJ, Bibliex, 1980.
- CREVELD. Martin Van *Technology of War: From 2000 b.c to thr Present*, NY, The Free Press, 1989.
- GARDNER, Robert. *Fleet Battle and Blockade: The French Revolutionary War 1793-97*, London, Chantham Publishing, 1995.
- _____. *Navies and The American Revolution: 1778-83*, London, Chantham Publishing, 1996; p. 77-107.
- GRABSKY, Phil. *The Great Commanders*, NY, Viwer Books, TV Books Ing., 1995p.75-102; 103-30.
- HILL, C. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*, SP, Cia das Letras, 1988.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*, SP, Paz e Terra, 1977.
- KENEDY, Paul. *A Ascensão e Queda das Superpotências*, RJ, Campus, 1990.

REFERÊNCIAS

- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, London, Willian Berenton, 1972, vol. 3.
- The History Channel, *Empires: Napoleon*, BBC Broadcasting Company, London, 1990, 210 min.